

HIERÓPOLIS E HIEROFANIAS: UMA ABORDAGEM GEOHISTÓRICA E ETNOGEOGRÁFICA DA “CIDADE- SANTUÁRIO” DE CONGONHAS IMBRICADA COM OS ESTUDOS DA PAISAGEM

José Antônio Souza de Deus¹

1- Geólogo, Departamento de Geologia- IGC/ UFMG
jantoniosdeus@uol.com.br

Resumo: A partir de uma discussão sobre a relevância que têm assumido as questões culturais no campo das Geociências, esse trabalho se propõe a discutir a cidade de Congonhas como uma hierópolis, situada no contexto histórico-cultural das regiões de antiga mineração do Brasil. O artigo resgata várias contribuições de geógrafos culturais para o entendimento das problematizações vinculadas às paisagens culturais e à “Geografia das Religiões”, nos contextos brasileiro e latino-americano- contemplando, em paralelo, questões como o papel que assumem as formas arquitetônicas e, particularmente, as edificações em pedra (construídas nas cidades do Quadrilátero Ferrífero/MG), na interpretação da paisagem religiosa.

Palavras Chave: paisagens culturais, hierópolis, geografia das religiões

Abstract: HIEROPOLIS AND HIEROFANIAS: A GEOHISTORICAL AND ETHNO-GEOGRAPHICAL APPROACH OF THE "SANCTUARY CITY" OF CONGONHAS IMBRICATED WITH THE LANDSCAPE STUDIES. After scoring the relevance that has characterized cultural issues in Geoscientific approaches lately, this paper aims to discuss Congonhas town as a hieropolis located in the historical and cultural context of former mining regions in Brazil. The research rescues several cultural geographers' contributions to understand the problematizations linked to cultural landscapes and "Geography of Religions" in Brazilian and Latin American contexts- while discussing the role that assume the architectural forms, and particularly, the stone buildings (built in the cities of Iron Quadrangle/ Minas Gerais- Brazil) in religious landscape interpretation.

Keywords: cultural landscapes, hieropolis, geography of religions

1. INTRODUÇÃO

Este artigo contempla uma discussão sobre as paisagens culturais imbricadas com o processo de expansão da economia aurífera em Minas Gerais ocorrido no período colonial, objetivando colocar em diálogo, numa abordagem interdisciplinar, os postulados de geógrafos (sobretudo, culturais), geólogos e pesquisadores de áreas afins (historiadores, educadores, turismólogos...) que têm dado contribuições relevantes para a elucidação/ decodificação da problemática em foco. Metodologicamente a investigação compreendeu: pesquisa bibliográfica, sistematização e contextualização das informações e problematização crítica sobre os conceitos e temas trabalhados. Ressalte-se, neste sentido, que ao se postular uma abordagem interdisciplinar, naturalmente se sinaliza para “a busca da totalidade do Conhecimento”, respeitando-se, contudo “a especificidade das disciplinas” (FAZENDA, 2003, p. 72).

Hoje, é claro para todos, que o maior produto da sociedade é a Cultura e que, aliás, é ela a dimensão da realidade que fornece as lentes através das quais são lidos e interpretados o papel e a importância do ambiente natural como elemento de realização social (BECKER & GOMES, 1993). Falar em Cultura quer dizer, antes de tudo, estar consciente da manifestação de uma dimensão complexa, na qual se misturam múltiplas determinações, e onde nossas próprias concepções devem ser relativizadas reflexivamente, tendo em vista o contexto dentro do

qual foram geradas.

Quase continuamente, tem-se colidido com as questões culturais ao se descrever o corpo social e sua configuração espacial: tais questões condicionam a percepção que os indivíduos têm do mundo físico e humano, alimentam os valores que modelam a personalidade e presidem às escolhas; elas dão significado à situação de cada um no corpo social e definem as forças que conferem a cada grupo, seu dinamismo (CLAVAL, 1973).

São múltiplas e singulares, em particular, as interfaces observáveis entre **Geologia e Cultura** que se apresentam, na “pós-modernidade”, para o desenvolvimento de reflexões críticas no complexo cenário da globalização. No contexto das cidades históricas mineiras, hoje muito valorizadas como atrativos turísticos (DEUS, BARBOSA & TUBALDINI, 2012), observa-se que, como sinalizam LACERDA *et al.* (2011, p. 17):

as dimensões natural e cultural, tangível e intangível, do patrimônio barroco, devem ser incorporadas a projetos na área de educação patrimonial, cultura e lazer, direcionados à comunidade local e aos turistas, com o objetivo de promover a aproximação/ interação da população junto aos bens culturais, interferindo assim, em sua preservação e valorização.

2. MARCO TEÓRICO

Para Almeida (2008, p. 47) “a paisagem é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura”. Já para

doi: 10.18285/geonomos.v24i2.877

Corrêa, “a paisagem é, de um lado, o resultado de uma dada cultura que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural” (CORRÊA, 2001, p. 290). Corrêa caracteriza a paisagem como “uma vitrine permanente de todo o saber, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica”. Corrêa e Rosendahl (2004, p. 8) registram, a propósito, que a paisagem foi descrita pelos viajantes e geógrafos do passado, tendo sido considerada como interface de processos naturais e sociais e analisada a partir de representações cartográficas e de um olhar geográfico.

As leituras sobre a paisagem são inúmeras, incluindo uma leitura funcional; outra, na perspectiva arqueológica; e outra; segundo uma abordagem cultural, em relação à qual foi notável a contribuição de Sauer. Gandy (2004, p. 86) demarca, por sua vez, que a paisagem é um fator determinante do caráter social e cultural das sociedades, esclarecendo-se que entende-se como paisagem cultural um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço. Como observa Meneses (2004, p. 26) “é provável que, se fizermos uma pesquisa em qualquer cidade do mundo, veremos que a população urbana guarda carinho especial com lugares que quer preservar e que busca vivenciar”.

Cosgrove (2012) destaca por sua vez, que “há muito trabalho interessante a ser realizado sobre paisagens do passado e seus significados contemporâneos, e é um bom ponto de partida sua recriação em museus e parques temáticos”. É importante destacar o caráter dialético e evolutivo que a paisagem cultural pode exibir; e vale ressaltar ainda que o conceito abarca “as ideias de pertencimento, significado, valor e singularidade do lugar” (DEUS, 2005, 2010; SANTILLI, 2009). Pois como registra Torelly (2008, p. 240-241), “ao vislumbrarmos uma paisagem, nossos sentidos como a visão, a audição e o olfato, são estimulados e as sensações são imediatamente processadas por nosso intelecto, que se utiliza de todo o nosso aparato cognitivo, que acumulamos desde o nascimento, para atribuir valores subjetivos e objetivos e formar representações”.

3. PAISAGENS CULTURAIS DO BARROCO MINEIRO

Em Minas, a religiosidade católica, o fascínio pelo Ouro, o desejo de afirmação e autonomia unidas num só sentimento explicam, nos planos psicológico e social, a criação da arte e de uma singular paisagem barroca. Postulamos inclusive, que esta paisagem cultural barroca das Minas do século XVIII, composta por vários elementos simbólicos que incluem a arquitetura civil e religiosa, a história cultural, as manifestações artísticas, os rituais

sagrados e profanos, o sincretismo religioso, etc., constitui um exemplo de “paisagem cultural subordinada e residual” (na perspectiva de Cosgrove) pois cidades como Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Serro, São João Del Rei ou Sabará “ostentam ainda hoje, quase intocada, a paisagem própria do século XVIII” (ÁVILA, GONTIJO E MACHADO, 1996, p. 9),

Como registra Brito (2009, p. 40), de 1730 a 1770, a Vila Rica “passou por processo de expansão e ordenação de sua estrutura urbana, que refletia o apogeu da produção de ouro...”- e hoje, o traçado urbano colonial da cidade de Ouro Preto, mantém-se intacto e as arquiteturas religiosa e civil mais expressivas bem como as suas obras de arte, encontram-se preservadas. E como assinala Costa (2009, p. 92), dentre as vilas da região, a antiga Vila Rica é a que apresenta maior número de edificações em pedra, “independentemente da destinação civil, administrativa, religiosa ou de utilidade pública” desses prédios. Vale ressaltar que segundo Campos (2006, p. 29) “o maior surto de arquitetura em pedra deu-se a partir de 1750, quando muitos templos foram reformados ou totalmente reedificados”.

Certamente poderíamos incluir, também, nesse circuito das cidades do Barroco (visualizadas aqui como paisagens culturais residuais, ou do passado), também as *hierópolis* ou *cidades-santuário* (conceito que engloba “aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional” - ROSENDAHL, 2003, p. 206). Cumpre registrar que foi nos séculos XVII e XVIII que surgiram os mais importantes centros de convergência religiosa do país. Para Gil Filho (2008, p. 134), “as cidades sagradas são espaços das *hierofanias*, palco de experiências religiosas”. Etimologicamente, o conceito de *hierofania* remete, como assinala Rosendahl (2002, p. 27) a “algo de sagrado que se revela”. Carballo (2010) demarca, a propósito, a relevância que têm assumido as peregrinações e os santuários nas cidades latino-americanas, nos períodos histórico e atual.

Um bom exemplo de *hierópolis*, em nosso contexto regional, seria o de Congonhas, onde se situa o local de peregrinação conhecido como “Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos do Arraial das Congonhas do Campo”, cuja criação foi inspirada “no exemplo da igreja de Bom Jesus, em Braga, Portugal” (MANGUEL, 2001, p. 233). Bretas (1989, p. 113) define “o Santuário de Matosinhos e seus Passos” como “excepcional conjunto escultórico no universo cultural e artístico do Brasil colonial”; e Ribeiro (2004, p. 173) reconhece que “o Santuário, além de uma obra de arte ímpar do barroco brasileiro é, ainda hoje, um centro de peregrinação importante”- entendendo-se peregrinações como:

fluxos de pessoas que, por motivações predominantemente religiosas, se deslocam, de um lugar marcado pelas práticas e relações do cotidiano (domicílio, trabalho, família, vizinhança) para um outro (santuários, centros religiosos, locais de festividades religiosas, na procura de “fontes” de caráter espiritual ou de local adequado para a prática de atos de devoção religiosa, assumindo variadas formas de culto divino, mariano ou dos santos (SANTOS, 2010, p. 177).

É relevante assinalar que durante o século XVIII, a expansão dos santuários coincide com a grande corrente migratória de aventureiros portugueses e brasileiros em direção a Minas Gerais pois a corrida do ouro mineiro, no início do século XVIII, provocou um fluxo populacional jamais visto para o interior da América Portuguesa. As primeiras ondas migratórias para as minas foram tão volumosas que medidas restritivas foram tomadas para coibir a transferência populacional para a região, particularmente de pessoas vindas do Reino pois se temia seu despovoamento” (FURTADO, 2005, p. 194).

A suntuosidade decorativa do interior das igrejas completa e acentua o aspecto monumental da arquitetura religiosa em Minas. E por não se restringir a um estilo artístico e designar também formas de pensamento do século XVIII, pode-se falar da existência de uma “mentalidade barroca na Minas oitocentista” (ÁVILA, GONTIJO, MACHADO, 1996, p. 10).

Em Minas, a cultura barroca foi, a propósito, (re)inventada à luz das particularidades locais, adaptando-se às condições do meio físico-geológico local (com a utilização, por exemplo, do esteatito como pedra de cantaria na escultura arquitetônica) e à sua inserção no contexto de uma sociedade senhorial e escravista, por vezes ameaçada por insurreições. Desde os primórdios, a história de Minas caracteriza-se por essa “efervescência mental que associa à busca obstinada da riqueza oferecida pelo solo à insubordinação e ao espírito reivindicativo, a que não falta, por outro lado, um acentuado labor artístico” (LUCAS, 1998, p. 10).

É importante notar que a cultura barroca mineira é uma mescla, a um só tempo, do Sagrado e do Profano (CASTRO & DEUS, 2011). Os espaços sagrado e profano admitem três dimensões: a econômica (compreendendo os bens simbólicos, os mercados e as redes), a política (a religião, o território, a territorialidade, a religião civil, a sacralidade e a identidade) e a dimensão do Lugar (a difusão da Fé, a comunidade, a identidade religiosa, a *hierópolis*, a percepção, a vivência, o simbolismo, a paisagem religiosa e a região cultural - ROSENDAHL, 2003). Observe-se que as preocupações com a salvação da alma ocupam um lugar central aí, que

convivem, entretanto, de forma harmoniosa, com as celebrações e festividades - o espaço privilegiado de toda a sociabilidade (ROMEIRO, BOTELHO, 2003). É interessante notar que as festas, em especial aquelas de caráter religioso se caracterizam pela grande capacidade de aglutinação das pessoas (ROSENDAHL, 2013). Na festa ocorre um adensamento das vivências que conectam as pessoas e comunidades envolvidas (DEUS *et al.*, 2016).

Amorim Filho (1999, p. 143) visualiza de forma bastante sugestiva as paisagens culturais mineiras, para ele, geradoras na população regional, de fortes relações e sentimentos topofílicos (TUAN, 2012), ao demarcar que:

Minas Gerais possui o maior percentual de bens tombados no Brasil desde unidades espaciais de considerável dimensão, como é o caso de cidades inteiras (Ouro Preto, Mariana, Diamantina, por exemplo). Esses bens tombados possuem valores que caracterizam a mineiridade, além de serem portadores de algumas das mais caras aspirações mineiras e nacionais. São, por outro lado, marcos de uma civilização que trazia para as montanhas de Minas simultaneamente, os valores paradoxais da busca da riqueza, da religião, da arte e da espiritualidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Funari e Pelegrini (2006, p. 29), a valorização do patrimônio cultural e a necessidade de reabilitar os centros históricos “constituem premissas básicas dos debates sobre o *desenvolvimento sustentável* das cidades latino-americanas, pois esses centros representam a síntese da diversidade que caracteriza a própria cidade”. Vale ressaltar, por outro lado, que o investimento na dimensão cultural corresponde a um dos critérios essenciais para se definir ou se caracterizar a sustentabilidade urbana.

É relevante assinalar ainda que, como destaca Rosendahl (1999, p. 75), “a interpretação da paisagem religiosa, como um produto da cultura, exige a compreensão de como as pessoas imprimem seus valores e crenças em formas arquitetônicas”. A autora demarca inclusive que a restauração de igrejas antigas justifica-se “porque a igreja representa o lugar de culto e recolhimento, sendo verdadeiramente o símbolo do sagrado e de sua permanência” (ROSENDAHL, 2013, p. 149). Ressalte-se, ademais que, como destaca Corrêa (2013, p. 88): “nos monumentos, estão inscritas as representações que os homens fazem da história e da geografia. São eles, portanto, parte da temporalidade e da espacialidade - complexas e variáveis-, que caracterizam a ação humana”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. G. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, Eguimar Felício, BRAGA, Helaine Costa. *Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.
- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lívia. *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos: EdUFSCAR/ Studio Nobel, 1999, p. 139-152.
- ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M. M.; MACHADO, R. G. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996, 232 p.
- BECKER, B. K.; GOMES, P. C. C. Meio Ambiente: matriz do pensamento geográfico. In: VIEIRA, P. F., MAIMON, D. *As Ciências Sociais e a questão ambiental: rumo à interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: APED/ NAEA – UFPA, 1993, p. 147-174.
- BRETAS, R. J. F. *Passos da Paixão: o Aleijadinho*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/ Livro Arte Editora, 1989, 130 p.
- BRITO, O. E. A. Um olhar sobre a paisagem cultural de Minas: Ouro, Diamante, rochas para construção. In: COSTA, Antônio Gilberto. *Rochas e histórias do patrimônio cultural do Brasil e de Minas*. Rio de Janeiro: Editora Bem-Te-Vi, 2009, p. 34-45.
- CAMPOS, A. A. *Introdução ao barroco mineiro: cultura barroca e manifestações do Rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida Editora, 2006, 80 p.
- CARBALLO, C. T. Hierópolis como espacios en construcción: las prácticas peregrinas en Argentina. In: ROSENDAHL, Zeny. *Trilhas do Sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 113-144.
- CASTRO, H. M.; DEUS, J. A. S. Uma abordagem geohistórica e etnogeográfica do Barroco mineiro aplicada aos estudos da paisagem nas regiões de antiga mineração do Brasil. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 5, n. 3, p. 57-80, dez. 2011.
- CLAVAL, P. A. *Principes de Géographie Sociale*. Paris: Éditions M.-Th. Génin, 1973, 351 p.
- CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do Espaço: alguns temas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajatórias Geográficas*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001, 304 p.
- _____. Monumentos, Política e Espaço. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Cultural: uma antologia (Vol. II)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 73-89
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagens, Textos e Identidade: uma apresentação. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 7-11.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.
- COSTA, A. G. *Rochas e histórias do patrimônio cultural do Brasil e de Minas*. Rio de Janeiro: Editora Bem-Te-Vi, 2009, 292 p.
- DEUS, J. A. S. **Geografia Cultural do Brasil/ Etnogeografia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 135 p.
- _____. Linhas interpretativas e debates atuais no âmbito da Geografia Cultural, universal e brasileira. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 25, p. 45-59, 2º. sem. 2005.
- DEUS, J. A. S.; BARBOSA, L. D.; TUBALDINI, M. A. S. O papel das Geociências no contexto “pós-moderno” de revalorização da Cultura. In: HENRIQUES, M. H., ANDRADE, A. I., QUINTA-FERREIRA, M., LOPES, F. C., BARATA, M. T., PENA DOS REIS, R. & MACHADO, A. *Para aprender com a Terra - memórias & notícias de Geociências no espaço lusófono* (Cap. 41). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 393-402.
- DEUS, J. A. S. et al. Territorialidades de festas populares: Espaço/ Tempo cognitivo, conectivo e conflitivo. *Revista ANPEGE*, v.12, n.18, p. 347-362, 2016.
- FAZENDA, I. C. A. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus Editora, 2003, 92 p.
- FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 72 p.
- FURTADO, J. F. Transitar na Estrada Real - o cotidiano dos caminhos. In: COSTA, Antônio Gilberto. *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Kapa Editorial, 2005, p. 192-205.
- GANDY, M. Paisagem, Estéticas e Ideologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 75-90.
- GIL FILHO, S. F. *Espaço Sagrado - Estudos em Geografia da Religião*. Curitiba: IBPEX, 2008, 163 p.
- LACERDA, M. et al. Paisagem Cultural em Diamantina, MG: um estudo sobre Patrimônio e

Topofilia. *Revista Geográfica de América Central*, San José (Costa Rica), no. especial/ EGAL, 2011, p. 1-19.

LUCAS, F. *Luzes e trevas: Minas Gerais no século XVIII*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, 184 p.

MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 358 p.

MENESES, J. N. C. *História & Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 128 p.

RIBEIRO, M. Bom Jesus de Matosinhos Sanctuary. In: UNESCO. *World Heritage in Brazil*. Brasília: UNESCO/ Caixa Econômica Federal, 2004, p. 168-181.

ROMEIRO, A.; BOTELHO, A. V. *Dicionário histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003, 320 p.

ROSENDAHL, Z. Comparação entre as hierópolis da América Latina e Europa: uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 75-110.

_____. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p. 187-224.

_____. *Espaço & Religião: uma abordagem geográfica*. 2 Ed. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002, 92 p.

_____. Espaço, Política e Religião. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Cultural: uma antologia (Vol. II)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 147-161.

SANTILLI, J. *Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2009, 519 p.

SANTOS, M. G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDAHL, Zeny. *Trilhas do Sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p.145-187.

TORELLY, L. P. P. Paisagem Cultural: uma contribuição ao debate. *Minha Cidade*, v. 9, n. 4, p. 240-244, nov. 2008.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente*. Londrina: EdUEL, 2012, 342 p.

Contribuição ao

1º. Simpósio Brasileiro de Caracterização e Conservação da Pedra
14 a 16 de dezembro de 2016, Congonhas – MG

Nota:

É de responsabilidade da comissão editorial do Simpósio a revisão gramatical, ortográfica, de citações e referências bibliográficas. As normas de submissão podem se diferenciar das desta revista.